





JORIS MARENGO

ALGUMAS VERDADES

SOBRE

DeROSE

REVELAÇÕES DE QUEM O
CONHECEU DE PERTO

1ª EDIÇÃO – 2020
FLORIANÓPOLIS – SC – BRASIL

Copyright 2020 (1ª edição): Marengo, Joris.
Direitos desta edição reservados ao Autor.
Projeto editorial e diagramação: Joris Marengo.
Capa: Joris Marengo.
Revisão ortográfica: Vênus Santos.
Impressão: Impressul
A Editora não responde pelos conceitos emitidos pelo Autor.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ELABORADO PELO AUTOR

Marengo, Joris, 1956 –
Algumas verdades sobre DeRose / Joris Marengo. Florianópolis: Ed. Autor, 2020.

ISBN 978-85-85504-23-6

1. Biografia 2. Ensaios. Crônicas. Memórias. Críticas 3. Joris Marengo. I. Título

CDD 869.4

As páginas deste livro foram impressas em papel 100% reciclado. Embora seja mais caro que o papel comum, consideramos um esforço válido para preservar as florestas e o meio ambiente. Contamos com o seu apoio.

É PROIBÍDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a permissão, por escrito, do Autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº. 9.610/98.

PERMISSÃO DO AUTOR PARA TRANSCRIÇÃO E CITAÇÃO

Resguardados os direitos do Editor, o autor concede autorização de uso e transcrição de trechos desta obra, desde que seja solicitada autorização por escrito e que se cite a fonte.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

O melhor da vida
é poder contá-la.

Joris Marengo



SUMÁRIO

Prefácio.....	13
Apresentação.....	17
Uma história de intuição.....	21
Reconhecimento de um luminar.....	25
Um tranco de Mestre.....	28
Autossuperação.....	33
Uma competição não intencional.....	35
O desafio de um Mestre vivo.....	41
Senhoras e triângulos.....	44
Leitura dinâmica.....	49
Parla!.....	51
Uma lição de liderança.....	55
DeRose vai para o Céu.....	59
Um espião no Brooklin.....	71
Na mosca!.....	75
A sopinha.....	79
Abraço especial.....	83

Uma dica que valeu ouro.....	85
Um presentão apaixonado.....	91
Encontro singular.....	93
Entre 680 páginas	97
O surgimento do Office Argentina.....	101
A vuvuzela indiana.....	105
Carros e portas.....	107
Troca justa.....	109
Senso de urgência.....	112
O senhor dos ventos.....	117
O bêbado apaixonado.....	121
Toque curador?	125
Perdido e achado.....	129
Mentalizações funcionam.....	133
Amigos de verdade	137
Desprendimento & Solidariedade	139
Um suporte para lá de especial.....	143
Todo cuidado é pouco.....	147
A loirinha de Joaçaba.....	152
Então é um milagre!.....	159
O caminhão de Taubaté.....	163
Anexo.....	163



AGRADECIMENTOS

Ofereço esta edição

*À amada Andressa Mezzomo, pela
presença luminosa em minha vida;*

*Aos empreendedores do
DeROSEMethod, Lisandra Zapelini,
Anneliese Maia, Sander Maurano e
Raphael Rigues
pelo cotidiano sempre inovador;*

*E ao meu querido Supervisor,
escritor e humanista,
Professor DeRose,
motivo desta obra.*

**As pessoas não são
aceitas porque
têm razão.**

**Elas têm razão
porque antes disso já
tinham sido aceitas.**

DeRose



PREFÁCIO

Meu contato com o DeROSE Method aconteceu em 1993, com apenas 15 anos, na cidade de Blumenau, onde morava com minha família.

Foi amor à primeira vista. Simplesmente adorei tudo: as aulas, a linguagem, o clima, os conceitos encaixavam-se perfeitamente na minha maneira de ver as coisas. Sentia que havia nascido para aquilo.

Começava ali uma paixão por esta metodologia incrível que me levou à São Paulo para fazer a formação profissional como empreendedora do DeROSE Method e principalmente, conhecer e me apaixonar pelo grande ser humano, DeRose, com quem fui casada por muitos anos.

Compartilhar a vida com ele foi uma experiência incrível, plena de cumplicidade, amor, projetos e

admiração mútua. Entre tantas coisas lindas que aprendi com DeRose na nossa convivência, uma das que mais me impactou foi o sentido de missão, de obrar diária e incessantemente pelos nossos valores e ideais, sem jamais esmorecer, norteados sempre pela ética, verdade e paixão pelo que fazíamos e continuamos realizando. Eu agora cá no cimo do planeta e ele viajando pelo mundo a polinizar corações e mentes.

É maravilhoso experimentar uma relação tão bonita quanto a que temos hoje. Transmutamos os anos de paixão em uma amizade rica em cuidados mútuos e trabalhando juntos, pois acreditamos nas mesmas coisas. Isto é admirável e nunca paro de me impressionar.

Vinte seis anos depois, já em outro casamento, empresária, e professora plenamente realizada, estou em Nova York, como presidente da Federação do DeROSE Method dos Estados Unidos.

E eis que fui surpreendida com o convite para apresentar o novo livro do meu querido amigo, professor Joris Marengo, *Algumas Verdades sobre o DeRose*. Senti-me lisonjeada e especialmente tocada, afinal, contribuí com um ou dois relatos na elaboração da obra.

Em um primeiro momento, o título assustou-me, mas na medida em que comecei a folheá-lo, fiquei encantada pela leveza do texto. Parabéns, meu amigo, Jójó Marengo.

Mas também me emocionei muito. Finalmente temos

uma obra que revela um pouco do homem maravilhoso, justo, honesto, amoroso com quem fui casada, mas que na maioria do tempo, fica velado pelo homem público.

Que nos próximos anos, mais e mais relatos possam ser contados, registrados, e se possa fazer justiça sobre quem realmente é este extraordinário ser humano chamado DeRose.

Fernanda Neis

President of DeROSE Method Federation of United States

Vice-Presidente do Diretório Central do DeROSE System

**A liberdade é o nosso
bem mais precioso.**

**No caso de ter que
confrontá-la com a
disciplina, se esta
violentar aquela, opte
pela liberdade.**

DeRose



APRESENTAÇÃO

Uma das minhas maiores frustrações é não saber contar piadas. Admiro e invejo muito aqueles que detêm esse talento. A habilidade de descrever, envolver e encerrar a anedota de maneira surpreendente e engraçada é, para mim, um mistério indecifrável.

Por outro lado, tornei-me um razoável contador de histórias reais, eventos que ocorreram ao meu redor, com os meus amigos e conhecidos.

Porém, reunir e recontar momentos vividos nos quarenta e três anos de convivência com o Comendador DeRose, assim como descrever outras passagens desfrutadas por alguns dos amados companheiros do DeROSE Method, foi uma experiência por demais estimulante e surpreendente.

A pessoa do DeRose, por sua trajetória de vida, impregnada de acontecimentos épicos, desafiadores e inimagináveis,

sempre impactou muito aqueles que tiveram a oportunidade, como eu, de conviver com ele com proximidade. E na mesma proporção, gerou uma enorme quantidade de ótimas histórias para se contar.

Portanto, selecioná-las tornou-se bastante trabalhoso, devido ao grande volume de interessantes eventos.

Daí a importância de se definir uma linha descritiva, um mote, de maneira a caber em um livro deste porte.

Elegi trazer histórias que valorizassem o homem magnânimo, o ser humano solidário e, para apimentar, um pouquinho do paranormal que nele habita, embora ele faça questão de negar, de forma recorrente e veemente.

Então, deixemos que os seus amigos contêm um bocadinho desta parte do DeRose que poucos conhecem.

Meu agradecimento, por ordem alfabética, aos que contaram estas histórias e tornaram este opúsculo possível: Edgardo Caramella, Eliane Lobato, Emanuelle Bonfim, Fernanda Neis, Heduan Pinheiro, Leandro Damaceno, Jéssica Damásio, Lívia DeRose, Luís Lopes, Malachini Dias, Maria Almeida, Maria Helena Aguiar, Melina Flores, Mercedes Aguillera, Vanessa de Holanda e Yael Barcesat.

Esperamos, com este pequeno livro, levar ao leitor uma outra visão, mais humana e emocionante, desta grande e admirável pessoa.

Joris Marengo



**Tem gente que, não
importa se são
três dólares ou
três milhões, sempre
encrenca com
os tostões.**

DeRose

1.

UMA HISTÓRIA DE INTUIÇÃO

O Professor DeRose é meu supervisor profissional há mais de quarenta anos. Sempre que posso – muitas vezes, mesmo quando não posso –, priorizo participar de seus cursos.

Além da oportunidade de viajar e conhecer novos lugares e pessoas, os cursos e palestras com ele sempre são uma ocasião única de desfrutar um dos aspectos humanos que mais admiro, tanto por ser raro quanto instigante: sua inteligência exuberante, que constrói uma linha de raciocínio admirável, amarrando cada ponto de vista com uma cascata de associações, de forma a me surpreender e, simultaneamente, sacudir-me pelo brilhantismo.

A história que quero contar, aconteceu há alguns anos, quando o Preceptor DeRose ministrava um

ciclo de cursos em Curitiba. Era sábado e, após o evento, fui convidado, com mais alguns poucos instrutores, a compartilhar um ótimo bate-papo com ele e sua esposa, na época, e fiel escudeira para sempre, Fernanda Neis, na suíte presidencial do hotel no qual estavam hospedados.

Uma vez dentro do apartamento, deixamos casacos e bolsas no hall de entrada e, entrando no quarto, esparramamo-nos pelas poltronas, pedimos comida e deixamos a conversa fluir agradavelmente, sem compromisso.

Em algum momento, lembrei e mencionei o fato de haver adquirido, naquela manhã, um CD que continha uma música de que gostava muito. Era cantada pela inigualável Aretha Franklin. Sem mencionar o nome da cantora nem o nome da música, dirigi-me à sala vizinha, na qual havia deixado minha mochila com a gravação. Agarrei-a e voltei ao quarto, para que pudéssemos partilhar.

Quando entrei, DeRose me olhou e cantarolou: “I say a little prayer for you.”

Parei no meio do quarto, olhos arregalados para ele. Aquela frase era o nome da música que havia me motivado a adquirir o CD, porém, ele ainda estava dentro da mochila e DeRose não tinha como conhecer seu conteúdo.

– Como você sabia o nome da música? – perguntei.

E ele respondeu, sorrindo:

– Estava acima da sua cabeça, escrita, como se fosse um balão, Jojó!

E todos caímos na gargalhada.

**A Humanidade mudou
bastante desde o Império
Romano.**

**Naquela época, o povo se
satisfazia com pão e circo.**

**Hoje, exige pain au chocolat
e Cirque du Soleil.**

DeRose

2.

RECONHECIMENTO DE UM LUMINAR

Quando participei da primeira viagem à Índia, em 1980, com o Professor DeRose, um dos locais que visitamos foi o Yôgêndra Institute, localizado em Santa Cruz East, em Bombay, hoje Mumbai.

Na época, essa instituição era uma das mais respeitadas escolas da filosofia clássica da Índia. Ficamos um bom tempo nessa conceituada escola, estudando e praticando. Nosso grupo de brasileiros (DeRoseGroup), tinha aproximadamente trinta participantes, em sua maioria, constituído de professores. Recebemos orientação para mantermos uma atitude discreta, já que éramos de uma outra modalidade, a pré-clássica.

Ficamos hospedados no instituto, participando normalmente da rotina da escola, que incluía acordar às cinco da manhã, praticar técnicas por uma hora, fazer o desjejum, lavar a louça, varrer o pátio, lixar os muros que circundavam o estabelecimento, participar das reuni-

ões conduzidas pelo próprio Shrí Yôgêndra, além de aulas teóricas sobre filosofia Sámkhya e outros temas, com um professor de Goa, falando português!

Mas não estávamos apenas entre brasileiros na entidade. Havia também mestres estadunidenses, europeus e asiáticos, sendo que alguns faziam formação, outros apenas participavam de workshops de uma semana e diversos só passavam o dia para conhecer o famoso instituto.

A convivência era muito agradável e o intercâmbio cultural, intenso. Transcorridos dois dias da nossa chegada, já havia um zum-zum-zum sobre a presença de outro Mestre, além do Fundador da Escola, circulando dentro dos muros da instituição. Notamos que principalmente os europeus estavam curiosos e, ao mesmo tempo, reativos à presença do Preceptor DeRose entre eles. Eram os que mais faziam perguntas a nós, os professores brasileiros.

Todos os dias, sentávamo-nos em um grande salão, em círculo, instrutores locais, residentes e visitantes, para almoçar. A refeição era colocada em bandejas de alumínio individuais e comíamos com as mãos e com o auxílio do tradicional chapati, o pão indiano.

Em um desses almoços, um acadêmico europeu iniciou uma conversa com o nosso Supervisor. No pequeno refeitório da escola, almoçava uma dúzia de pessoas. Ou seja, o que diziam um ao outro podia ser ouvido por toda a gente presente.

O interlocutor fazia formação em Yôga naquele instituto e questionava a autoridade do Mestre brasileiro. O tom de voz do estrangeiro carregava certa agressividade, enquanto o Professor DeRose respondia sempre de forma serena.

Já transcorriam alguns minutos de questionamentos. Vários alunos pararam de comer para acompanhar o diálogo. No entanto, os indianos pareciam não estar interessados no evento e continuavam a degustar despreocupadamente a deliciosa comida.

O europeu já havia levantado o tom da voz alguns decibéis, quando a conversa derivou para a experiência do samádhi, o estado de hiperconsciência.

– Como você pode provar que atingiu o samádhi (a hiperconsciência), sir? – questionou, mais uma vez, o estudante europeu.

DeRose, então, sorrindo sempre e com uma fisionomia que denotava não fazer a mínima questão de provar nada a ninguém, iniciou a descrição, conforme pode ser lida no seu livro *Quando é Preciso Ser Forte*, no capítulo: *Uma viagem aos Himálaias*.

Assim que DeRose começou a contar sua vivência, os indianos pararam de comer e passaram a olhar fixamente para ele. Um silêncio reverencial permeava o refeitório, enquanto o nosso Preceptor continuava a sua descrição. Os professores indianos haviam mudado completamente a sua postura, agora ouvindo muito atentos a exposição

da experiência descrita por DeRose. Quando terminou, todos ficamos quietos. Mas podíamos ouvir os cérebros dos presentes trabalhando para assimilar tanta informação.

O europeu abriu a boca para reiniciar seu questionamento. Neste momento, um professor hindu mais antigo levantou uma das mãos sinalizando para que ele se calasse.

Enquanto ele arregalava os olhos, baixava a cabeça e voltava a comer, os professores indianos olhavam para DeRose com um misto de respeito e surpresa, cochichando entre si. Em seguida, observando que o nosso mentor já havia almoçado, um deles levantou-se e, inclinando-se, recolheu o prato de alumínio à frente dele. Até então, todos levávamos nossos próprios pratos para lavá-los. Essa foi a primeira vez que um professor do instituto fez esse tipo de reverência.

Nós, brasileiros, entreolhamo-nos, com um discreto sorriso e depois mergulhamos as mãos nas bandejas à nossa frente, para terminar de comer.

3.

UM TRANCO DE MESTRE

Em 1977, o Professor DeRose havia comprado sua primeira sede, em São Paulo, no bairro do Brooklin. Era uma casa muito grande e bonita. Não só compartilhávamos os inúmeros cursos na linda moradia do nosso Preceptor, como também nos hospedávamos, jantávamos e almoçávamos lá, pois havia vários quartos e uma grande cozinha.

Naquele período, éramos todos hippies, mas eu era o mais hippie de todos, comendo muito arroz integral com gersal, cabeludo (acreditem, eu já tive cabelo!) e muito barbudo. Como todo hippie da época, eu era bem radical, discriminando todos os que adotassem hábitos comportamentais diferentes dos meus, principalmente os alimentares.

Cheguei ao cúmulo de interceptar um desconhecido na rua, chamando-lhe a atenção sobre os malefícios da Coca-Cola que ele levava em uma das mãos.

Pois, em um determinado fim de semana em São Paulo, estávamos na casa do Professor DeRose, todos reunidos em um grande grupo, entre alunos e instrutores, acompanhando cursos. E eu fazia patrulhamento comportamental quanto às escolhas alimentares dos participantes.

DeRose a tudo assistia, sem nada comentar. Passamos o sábado entre estudos e práticas, e no fim do dia, depois de todos tomarem banho e jantarem, reunimo-nos na sala de aula para jogar conversa fora. Além de muitos instrutores e alunos, estava também presente o nosso estimado Sistematizador.

Em algum momento do bate-papo, a conversa derivou para o soma (beberagem ritualística da tradição védica e cuja composição constava que se tinha perdido), utilizado há milênios com o intuito de reproduzir artificialmente um estado alterado de consciência.

Ficamos algum tempo trocando ideias sobre o assunto, quando DeRose, com aquele timbre de voz tão característico, alardeou:

– Eu descobri a fórmula do soma. Ela é uma combinação de asclepias acida e sarcostemma viminalis.

Todos os presentes arregalaram os olhos, voltando-se fixamente em sua direção.

– O soma, professor? Mesmo? – ouviu-se uma indagação entre os membros do grupo.

– Sim! E pegarei um pouco para que provem. – disse ele, levantando-se e dirigindo-se até o seu quarto.

Um silêncio absoluto tomou conta da sala. Todos estavam com a respiração suspensa, imóveis e incrédulos. Afinal, o procedimento de elaboração do soma estava perdido havia milênios. Será que estávamos diante de uma revelação?

Passados alguns minutos, DeRose entrou muito sério na sala com um pequeno objeto, seguro solenemente entre os dedos das duas mãos. Todos os olhos estavam cravados no diminuto artefato, que logo identificamos como uma ânfora de bronze, envelhecida, semelhante às encontradas em descobertas arqueológicas. O momento era mágico.

Iríamos desfrutar de algo que centenas de gerações anteriores à nossa, em vão tentaram encontrar. Sentíamos-nos privilegiados. Realmente especiais. E mais distinguido senti-me eu, ao perceber que havia sido eleito para ser o primeiro a sorver a substância sagrada.

DeRose estendeu seus braços em minha direção e, eu, respeitosamente, acolhi entre os dedos das mãos, a pequenina ânfora ancestral.

Todos me olhavam enquanto trazia o recipiente aos lábios. Quando as primeiras gotas invadiram minha boca, espalhando-se, fechei os olhos para melhor desfrutar. Era muito, muito bom! O soma, além de adocicado, estava gelado e produzia uma percepção palatável semelhante

a gotas de ar minúsculas que, misturadas à beberagem, proporcionavam um efeito muito inusitado.

– Que delícia, Mestre. Nunca tomei nada igual! – exclamei, entusiasmado.

Ele me olhou profundamente nos olhos e disse:

– É Coca-Cola, Joris. Isso é para você deixar de ser fanático! – e deu uma enorme gargalhada, seguido por todos os presentes.

Fiquei em estado de choque por alguns instantes e então entendi. Juntei-me aos demais na risada coletiva.

Ali, morria um natureba radical.

4.

AUTOSSUPERAÇÃO

Segundo descrição de Helton Santana

Em julho de 2009, o instrutor Helton Santana, diretor de uma das escolas certificadas do DeROSE Method em Florianópolis, viajou a São Paulo para participar de um curso de Alimentação Biológica, ministrado por DeRose, em uma universidade.

Era um sábado, quinze horas e a sala estava lotada com instrutores do nosso sistema, em um curso exclusivo para eles.

No horário marcado, o Sistematizador principiou, fazendo uma breve introdução ao tema e em seguida, solicitou que algum outro instrutor, mais experiente, conduzisse o workshop no lugar dele, já que era um assunto recorrente, o qual ele já havia ministrado inúmeras vezes.

Helton achou um pouco estranho, pois já participara de incontáveis cursos com o Comendador DeRose e ele jamais solicitara que alguém o substituísse.

DeRose convidou um instrutor mais antigo para que fosse à frente da turma conduzir a matéria. No entanto, passados alguns minutos, insatisfeito com a apresentação, agradeceu e acenou a outro instrutor, também mais experiente, para substituí-lo na condução do tema. Transcorreram alguns minutos e mais uma vez, descontente com a nova exposição do assunto, agradeceu ao outro colega e decidiu-se por ministrar, ele mesmo, a aula.

Atente-se ao fato de que, diferentemente de outros cursos, quando o Preceptor conduz classes exclusivas para instrutores, estende-se por quatro ou cinco horas, pois a sua relação com os profissionais é mais próxima, em especial, tratando-se de um assunto tão polêmico e instigante, como a alimentação.

No entanto, naquele dia, a apresentação durou apenas três horas. Em seguida, ele levantou-se, despediu-se e saiu. Helton ficou intrigado com aquele comportamento, atípico, mas guardou para si aquela impressão.

Pouco tempo depois, Santana descobriu a razão: no dia do evento, DeRose estava hospitalizado. Saiu do hospital à revelia para ministrar o curso, apesar da oposição de sua esposa e amigos próximos.

Ele deu a matéria sem que ninguém notasse o seu mal-estar. Terminada a carga horária do curso, saiu e voltou a se internar no hospital.

5.

UMA COMPETIÇÃO NÃO INTENCIONAL

No início dos anos 2000, adquiri o hábito de viajar de Floripa para São Paulo mensalmente, ficando uma semana na capital paulista, para estar mais próximo do meu Supervisor.

Hospedava-me sempre no apartamento da querida instrutora e secretária do DeRose na época, Virginia Barbosa, hoje casada com o Rob Langhammer, morando em New York e trabalhando com o nosso Método de reeducação comportamental na terra de Tio Sam.

O apartamento da Vivi, como a chamávamos, ficava em frente à Alameda Jaú, 2000, endereço da Sede Central do DeROSE Method e residência do Sistematizador.

Esta proximidade facilitava muito meu convívio com o Preceptor, pois bastava atravessar a rua e já estava na sua casa!

Eram semanas muito ricas de aprendizado e cumplicidade.

Certo dia, meu querido mentor convidou-me para acompanhá-lo à academia.

Vale ressaltar que DeRose sempre gostou de trabalhar o corpo. Praticou judô, capoeira, karatê, aikidô, rúgbi, atletismo e foi treinar ginástica olímpica aos 50 anos de idade! Depois de mais velho, passou a fazer musculação como passatempo.

Adorando a ideia de estar algum tempo com ele num ambiente fitness, troquei de roupa, coloquei uns tênis e partimos em seu carro, rumo ao ginásio.

Chegando à linda e gigante academia, dirigimo-nos para o setor de musculação, que era muito bem aparelhado.

Fizemos um alongamento, lado a lado, por uns 10 minutos, acompanhados sempre de uma ótima conversa. Quando DeRose principiou seu treino, eu o segui, realizando o mesmo circuito.

Já estávamos havia quase uma hora em exercícios, quando nos dirigimos ao banco do supino reto com barra. Lá estava um garotão, na glória dos seus vinte e poucos anos, alto e aparentemente muito forte, fazendo subir e descer a barra com as anilhas sobre o seu peito musculado.